



Instituto de Arte Contemporânea

GRAUBEN

23-4-1889

23-4-1969

INAUGURAÇÃO 23 DE ABRIL DE 1969 - ÀS 21 HORAS.

GALERIA COPACABANA PALACE

AV. COPACABANA, 291 - ENTRADA PELA PORTARIA DO TEATRO



O Rei Balduino da Bélgica e a Rainha Fabiola admiram o quadro de Grauben que lhes foi oferecido pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro, por ocasião da visita que fizeram ao Brasil.

Pierre Restany, ao deparar com os quadros de Grauben na Bienal de Córdoba, escreveu: "O Brasil acrescenta um nome, já grande e brilhante, à lista de vocações geniais e tardias". Grauben tinha recém aparecido, quase dez anos faz. Começou a pintar aos setenta anos, e ao completar seus oitenta, com um decênio de trabalho, impôs-se inadiavelmente como um dos mais autênticos pintores nacionais de hoje. Grauben é natural, fluente e de uma sinceridade chocante. Diz que não sabe pintar, nem sabe porque pinta — vai conduzida compulsivamente por uma emoção plástica. Quando está deprimida pinta mais, e quanto mais deprimida mais lírico e amável é seu mundo. Porque os problemas de hora, que anuviam suas horas, não conseguem corromper a linda vida interior desta artista que uma vez já denominei de pintora beatífica. Raimond Charmet, crítico de arte em Paris, passando por um salão de primitivos naquela cidade disse que "dos naifs estrangeiros o mais poderoso é sem dúvida Grauben" — ela estava já cotejada a partir de um levantamento internacional.

Vejamos a Grauben de hoje, nesta mostra de duplo aniversário (de vida e de pintura). Deixando de lado a curiosa história de seus dias plenos de gratidão e felicidade, focalizemos seus quadros que, misteriosamente, seduzem os compradores, porque através de suas escamas de luz, de seu cromatismo envolvente, de seu pontilismo que concentra a emoção numa espécie de bordado imaterial, é uma atmosfera de paz e equilíbrio que nos comunica. Além do fenômeno estético-histórico de uma expressão criadora, cientificamente analisável, há esta outra força inexplicável, que é a pura comunicação, e que compromete o espectador numa transfusão de energia. Num tempo em que aceitamos e entendermos as teorias dinamitadoras, que pesquisam o reencontro do homem novo, atrás dos escombros do convencionalismo e da mentira dourada, é confortador receber a mão arejada de uma pintura como a de Grauben, na pausa dolorida da nossa febre. E não podemos negar sua mensagem. Não se trata mais, sequer, de demonstrar que Grauben é uma pintora válida. Grauben é, à sua maneira, a própria pintura. Por isso diz que não sabe pintar, que não aprendeu nem acredita que se possa ensinar. Sabe que não é primitiva, mas se define como instintiva. Seus quadros são construídos a partir de um elemento central — uma árvore — o resto são os adereços, seres ingênuos e leves que dinamizam a tela: borboletas, pássaros e flôres. Seu processo criador, cumpre-me aqui relatar nesta breve lição de Grauben, transcorre assim: primeiro a tela vazia, apenas pintada por inteiro por uma côr chapada que funciona de fundo. Sob forma de desenho, apenas delineadas, as borboletas, flôres e pássaros. Então Grauben começa a criar a sua árvore, geralmente no centro deste espaço disponível. Ao ter a árvore tem a inspiração, porque é daí que brota a onda de calor, a emoção plástica, a força de pontilhar aqueles jardins luminosos onde, às vêzes, desponta um pavão suntuoso. Eu diria que os jardins de Grauben são exatamente uma reprodução daquela que Alice buscou desesperadamente no seu mergulho no País das Maravilhas. O jardim da reinvencção da linguagem, do absurdo que se faz realidade, do ritmo novo que entra para sempre em nosso tempo exterior e modifica pelo sonho a nossa solidão. Hoje Grauben avançou como pintora. A côr é mais dramática, as figuras que contornam as árvores são mais nítidas. Em certos quadros estas borboletas e pássaros parecem colagens. As regiões de côr, trançadas num pontilismo organizado e direto, ligam-se desencadeando um ritmo cheio de vida, pleno de concentração e leveza. Grauben gosta de fugir da responsabilidade da beleza dizendo com remota nostalgia "foi outra pessoa que pintou." No entanto, e nisto está sua vitória, esta pintura é produto de uma vivência coerente e sábia, de um resultado de vida, que só ela poderia ter inventado. Este sumo é que nos cativa, e projeta a pintura de Grauben numa expansão crescente, como o consumo imprescindível dos gêneros de primeira necessidade.

WALMIR AYALA

Rio, Abril de 1969

Grauben
1969

instituto de arte contemporânea

GALERIA COPACABANA PALACE

AV. COPACABANA, 291 - ENTRADA PELA PORTARIA DO TEATRO